

Diário da Sessão n.º 006 de 26/01/05

Deputado Paulo Gusmão (Indep.): Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Após profunda reflexão e ponderação, tendo analisado a perseguição quase diária com que fui tratado pelo PP/Açores, num suicídio partidário que as próximas autárquicas demonstrarão, marcando aqui de uma forma clara a minha neutralidade em relação aos partidos da Coligação Açores, e sobretudo deixando de ser cúmplice com um Partido que no Governo da República pouco fez pelos Açores, decidi como homem livre que sou, preso apenas às minhas convicções de sempre, passar ao estatuto de Deputado Independente.

O CDS era, em 2000, um Partido em crescimento, tendo obtido o maior resultado de sempre do CDS nos Açores, em toda a sua história. O que podia ter sido um factor decisivo para, com humildade, o CDS/PP ter continuado a fazer o seu caminho de crescimento, tomou-se num motivo de ganância política que tinha como único objectivo o poder a qualquer custo. A teimosia de fazer uma coligação sem um objectivo de causas comuns foi levada até ao fim. A partir dessa decisão, respeitosamente, apoiei a estratégia da maioria, não tendo, até ontem, feito um único comentário público quer sobre ela quer sobre o desastre que foi, quer para o PP, quer para o PSD.

Felizmente não tenho nada de pessoal contra o PSD ou contra os seus militantes, antes pelo contrário, muitos são aqueles de quem sou amigo. Sempre entendi, porém, que era mais saudável, para ambas as partes, que nos Açores têm uma história bem diferente, que cada um fizesse o seu próprio caminho.

Quero hoje aqui dizer de uma forma bem clara, para que não fiquem dúvidas, que o próprio Programa eleitoral da Coligação Açores nunca foi

levado à aprovação dos órgãos do CDS/PP, pelo que, institucionalmente, o continuo a desconhecer.

Nunca tive, por isso, na Coligação a única motivação que me fez participar na política: causas e convicções. A mim pouco me importava que a Coligação Açores ganhasse para eu próprio ter este ou aquele lugar. A mim movia-me tão só a oportunidade de, apesar de tudo, poder defender algumas daquelas que são as causas em que acredito. Infelizmente, nem isso foi possível.

Mais do que isso, a minha forma de estar na política sempre foi com lutas acesas, seja com quem for. Mas faço-o apenas por causas, nunca contra pessoas. Nunca me perguntaram, por exemplo, se a estratégia de algum ataque era uma estratégia legítima. Não esperassem por isso o meu aplauso entusiasmado e presente.

Hoje tenho de admitir a desgraça que não teria sido para os Açores um Governo Regional dependente da directiva do PP/Açores.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Pela minha parte sinto-me de consciência fresca. A verdade, porém, é que sempre entendi a actividade política como um serviço e não como uma solução de vida.

Graças a Deus, como todos vós, sou um homem livre. Preso apenas às minhas convicções e valores. Nos poucos anos que estou na política já vivi, conforme sabem, algumas batalhas. Nunca virei as costas porque luto até ao fim por aquilo em que acredito.

Quero por isso aqui dizer-vos que, de consciência tranquila, eu que procuro ter, com o meu estilo próprio, o maior respeito pelas instituições, se a conclusão da direcção do CDS/PP foi que a minha presença nos cargos que exerço no Partido e no Grupo Parlamentar estavam sujeitos a apreciação disciplinar, a minha conclusão é que este foi o momento certo para entregar

à Direcção do Partido todos esses cargos, desejando que o futuro possa ser assim muito mais risonho.

Há algum tempo que já não me sentia motivado em dar a cara pelo CDS/PP por razões até muito mais profundas do que estas.

As razões que me levaram a filiar-me, em 1995, a convite do então Líder Dr. Manuel Monteiro, no CDS-PP foram-se degradando desde que o Partido está no Governo em Lisboa, envergonhando, às vezes, com a sua prática quem no terreno dava a cara por ele.

Onde está o CDS/PP que ia reformar o sistema político em Portugal, com menos nomeações e com menos gastos?

Onde está o CDS/PP que defendia a segurança dos cidadãos, quando no dia-a-dia a situação, mesmo nos Açores, é cada vez pior?

Onde está o sistema de ensino do mérito, do trabalho e do esforço?

Onde está a dignidade da vida humana, a começar nos mais pobres e nos mais velhos, de quem muito se falou, mas que continuam a caminhar para o fim da vida com pensões miseráveis?

Onde está o reconhecimento daqueles que serviram Portugal no Ultramar, quando se falou tanto e se deu tão pouco?

O que fez o Líder Nacional do CDS/PP pelos Açores no Governo de Portugal? Onde estiveram as causas e os valores?

O que fez, em suma, e é essa a razão da minha decisão, o CDS no Governo que não pudesse ter sido feito pelo PSD ou pelo PS?

Onde esteve a identidade de quem opta por um partido como o CDS/PP?

Desvinculei-me por isso do CDS/PP. Em política só as nossas convicções devem ser eternas. Os partidos são meras associações que quando não servem os fins a que se destinam, não há razões para os continuarmos a servir.

Fi-lo com a emoção de quem serviu uma causa durante toda a sua juventude, ou visto de outra forma, um terço da sua vida.

Fi-lo em nome da verdade. A verdade vale sempre a pena. A nossa terra vale sempre a pena. Fazer política com verdade apenas para servir a nossa terra só assim é que pode valer a pena.

Mas fi-lo também com a certeza de quem tem a consciência de que durante dez anos estive no lugar certo. Este foi o espaço que tive mais próximo daquilo em que acredito.

Estarei sempre do mesmo lado dessas convicções.

Quero porém deixar, a todos os açorianos que me confiaram o seu apoio e o seu voto, o meu compromisso de que exercerei as funções públicas, que me foram confiadas, até ao fim.

De forma independente, mas com a mesma garra e a mesma determinação, exercerei até ao fim do mandato as funções de que estou investido.

Fá-lo-ei procurando sempre e tão só representar com dignidade aqueles que me confiaram o seu voto, procurando o melhor para os Açores, defendendo a Ilha pela qual fui eleito, continuando a visitar as nossas terras e a estar próximo das pessoas, tendo sempre a porta aberta a quantos encontrem neste modesto amigo uma possibilidade de ajuda, apoiando aquilo que for bem feito, criticando e apresentando alternativas ao que, em consciência, achar por mal, e, sobretudo, sendo sempre a mesma voz, o mesmo cidadão e a mesma pessoa.

Sobre esta matéria falei ontem, aos militantes do Partido, e faço-o hoje na casa mãe dos Açores, encerrando aqui mais qualquer palavra sobre o assunto.

A vida faz-se olhando com optimismo o futuro e não remoendo no passado. Continuo a acreditar que a política feita com elevação e procurando tão só servir quem mais precisa é um exercício nobre que a todos deve cativar.

Muito obrigado.